

A Menina Vitória de Arnaldo Santos e o papel da Negritude na autoafirmação do negro¹

Marcelle dos Santos Borges da Silva²

RESUMO

O objetivo deste artigo, tendo como base principal o conto *A Menina Vitória* de Arnaldo Santos, é descrever o que foi o movimento Negritude, salientando os pontos que fizeram com que este movimento tivesse uma influência positiva na autoafirmação do negro. Além disso, o trabalho aborda outros movimentos como Pan-africanismo, *New Negro* e movimento *Black Power*, todos de total importância e relevância para a análise da personagem menina Vitória, cujo preconceito está intimamente ligado ao distanciamento de suas origens, ao embranquecimento social e às consequências do processo de colonização dos povos africanos.

PALAVRAS-CHAVE: negritude. autoafirmação. identidade.

ABSTRACT

The aim of this article, which is based on the tale *A Menina Vitória*, by Arnaldo Santos, is to describe the movement called Negritude, highlighting the points that make the movement a positive influence on the self-assurance of the black person. Besides, the article will address other support movements such as the Pan-Africanism, the New Black and the Black Power movements, all of which extremely important and relevant for the analysis of the character menina Vitória, whose prejudice is closely linked to the distancing of her origins, to social whitening and to the consequence of the process of colonization of the African peoples.

KEY WORDS: negritude. self-assurance. identity.

1 INTRODUÇÃO

Com a escravidão e a diáspora do povo africano, o homem branco se intitulou como um povo assinalado por Deus e responsável por levar a civilização às várias nações africanas, catequizando esses povos e fazendo com que muitos africanos perdessem suas culturas, porém, ainda assim, muito se preservou da cultura autóctone.

Em um momento em que o negro viveu alienado pela cultura europeia, ele assimilou os ideais forjados pelo homem branco, internalizando o fato de ser socialmente inferior, assim o negro tenta se “embranquecer” para igualar-se com o seu opressor, passando pelo *embranquecimento social* que é o momento em que o negro “[...]se convence de que o único remédio para curar sua inferioridade, a

¹ Artigo apresentado para o Projeto de pesquisa de Iniciação Científica, *Identidade e memória nas literaturas Africanas de expressão portuguesa*. Orientação: Prof.^a Dr.^a Simone de Souza Braga Guerreiro.

² Graduanda de Letras Português/Inglês pelo Instituto Superior Anísio Teixeira (ISAT).

salvação, estaria na assimilação dos valores culturais do branco superpotente. Essa fase de absorção do branco pelo negro é chamada de *embranquecimento cultural*[...]. (MUNANGA,1986, p. 6).

Neste artigo através do conto *A menina Vitória*, abordaremos a questão do *embranquecimento cultural* vivido pela menina Vitória, mostrando o quão importante é o negro se autoafirmar como negro e que, através dos movimentos como a Negritude, ele possa libertar-se da sua condição de alienado cultural e, por meio disso se autoafirmar e reconhecer-se como negro, orgulhando-se de suas verdadeiras raízes.

2 Entendendo a Negritude

A primeira vez que o termo *Négritude* apareceu foi através do poeta, dramaturgo e ensaísta Aimé Césaire (1913 - 2008), que publicou um artigo no jornal *L'étudiant noir*, em Paris. Césaire teve um papel fundamental para o que conhecemos como Negritude, não só por criar o termo, mas pela profundidade que este teve e que viria a se tornar. Césaire escreveu:

É muito ruim para aqueles que se contentam em incidir por desprezo pelo que eles chamam de 'racismo'. Para nós, queremos explorar nossos próprios valores, conhecer nossos pontos fortes através da experiência pessoal, cavar nosso próprio domínio racial, com certeza de que devemos nos aprofundar, as fontes de energia do humano universal.

Assim, antes da Revolução e para fazer a revolução - a verdadeira - a lâmina inferior destrutiva e não a agitação das superfícies, uma condição é essencial: romper a mecânica da identificação das raças, destruir os valores superficiais, compreender em nós mesmos O negro imediato, planta nossa *Négritude* como uma bela árvore até que ela tenha suas frutas mais autênticas. (*Conscience Raciale et Révolution Sociale, l'Etudiant Noir*, p. 2, Mai-Juin 1935).

Sendo assim, entendemos Negritude como um processo de conscientização racial que alcançou as esferas: política, cultural e ideológica. Pois, para ser político, ele precisa ser organizado; cultural, para valorizar as tradições e manifestações culturais de matriz africana e ideologicamente, porque alcança um entendimento de consciência racial.

Apesar do movimento não ter começado na África, vemos que em Luandino Vieira um grito de liberdade, mesmo que em um simples pedaço de papel, foi dado pela personagem Zito Makoa: "ANGOLA É DOS ANGOLANOS" (VIEIRA, 2009, p.

129). Um momento de desalienação do povo Angolano durante sua busca pela liberdade do opressor de sua cultura, suas tradições e seus ritos. E não somente em Angola, mas em grande parte do continente Africano que passou pelo processo de assimilação, onde do negro foi retirado à força tudo o que o caracterizava. Não bastasse ser retirado da sua cultura, muitos também foram retirados dos "seus".

Inconscientemente essa liberdade e essa busca pela sua verdadeira identidade estava lá dentro do homem negro, ainda que este grito estivesse reprimido pelo seu opressor. Alguns movimentos literários vividos na África, durante o período de guerra pela independência, expôs essa desalienação do negro e a valorização das tradições, da ancestralidade e a tradição oral.

Antes de Césaire escrever sobre a Negritude e passar a existir este termo, nos Estados Unidos houve o movimento de Pan-africanismo que consistia em um protesto político contra a política imperialista na África e na busca de suas respectivas independências. Este movimento foi defendido pelo Dr. Du Bois e Langston Hughes.

W.E.B. Du Bois (1868 - 1963) estudou nas Universidades de Fusk, Harvard e Berlim, onde se formou doutor em filosofia. Seus estudos filosóficos foram muito benéficos para o povo negro, ao mostrar que eles tiveram um passado magnífico e que não tinham que se envergonhar das suas raízes africanas.

Langston Hughes (1902 - 1967) era mestiço, filho de pai branco e mãe negra. Além de um excelente escritor, foi muito importante para o movimento de Negritude. Chegou a ir a Paris onde fez amizades com Léon Damas e de Senghor.

Du Bois ficou conhecido como pai da Negritude por defender a volta às origens africanas e também foi representante do movimento *Renascimento Negro*³. No bairro Harlem em Nova Iorque, Estados Unidos, foi onde surgiu o movimento artístico e literário *New negro* (ou *Negro Renaissance*), cujo objetivo principal era acabar com o preconceito e estereótipos com os negros.

Vários escritores auxiliaram para que o movimento *New negro* aumentasse, dentre eles: Langston Hughes, Claude Mackay e Richard Wright. Esses movimentos precederam o movimento de *Negritude*, mas, ainda assim Aimé Césaire diz que "o Haiti foi o país em que a negritude se ergueu pela primeira vez" (BERND, 1984. p. 30).

³ MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e sentidos*. São Paulo: Ática, 1986. p. 37.

Quando os negros voltaram à África, ao chegar, eles que tiveram acesso ao estudo e às universidades, começaram a tomar consciência da sua verdadeira identidade, rejeitando a alienação e começando a escrever sobre o tema.

Os negros começaram a desmistificar tudo aquilo que lhes foi imposto. Viram que os brancos não eram seres superiores, que lá também haviam guerras, brigas por poder, barbaridades. O negro viu que ele era capaz de pensar e mais do que isso, de lutar pelos seus direitos, pelas suas raízes arrancadas pela ideologia do conquistador branco.

Toda essa retomada às raízes africanas serviu para que milhares de pessoas, negras e mestiças conseguissem enxergar, sem preconceito, a sua cor sem se envergonharem. Podendo assim, escrever, cantar, transmitir seus costumes uns para os outros. E não somente no campo cultural, mas também religioso.

As religiões de raízes africanas também foram fortemente proibidas durante o período de domínio colonial, tendo apenas a religião católica como forma de professar a sua fé. Além do mais, o negro era visto como um ser sem alma. Montesquieu diz:

Não nos podemos convencer que Deus, que é um ser muito sábio, tenha posto uma alma, principalmente uma alma boa, num corpo todo preto. [...] É impossível que suponhamos que estas pessoas sejam homens; porque, se supuséssemos que eles fossem homens, começaríamos a crer que nós mesmos não somos cristãos. [...]. (MONTESQUIEU, 1996. p. 257).

3 A importância da *Negritude* no conto *A Menina Vitória*

A menina Vitória, é um conto de Arnaldo Santos, poeta e escritor angolano, que nasceu na cidade de Luanda em 1935. O conto retrata a história de Gigi, um menino angolano, que após ter problemas com piolhos e com a prosódia na Escola 8 é transferido para o colégio de Pucha Beatas. É lá, que encontramos a personagem da professora, que é a menina Vitória.

Apesar ter assimilado a cultura europeia, alguns africanos ainda tinham dificuldades com certos pontos, como a língua. No conto encontramos a personagem Sr. Sílvio que é português e que corrigia severamente seu filho Gigi, cuja grande dificuldade encontrava-se na prosódia.

Podemos pontuar que aqueles que conseguiam ter uma boa postura com a língua e a cultura poderia ser visto como “brancos”. Sendo assim, podemos afirmar que a meta daqueles que assimilaram a cultura do seu dominador era tornarem-se

brancos, ainda que no fundo soubessem que eles nunca iriam ser vistos como brancos. Tudo era apenas para mascarar as suas raízes. No conto, as personagens dizem em tom de frustração: “[...]lamentando que a pronúncia do garoto se estragava, que era preciso afastá-lo da companhia dos criados e dos colegas dos musseques. Todos concordavam que era pena, porque ele já se podia considerar um branco. [...]”. (SANTOS, 1981, p. 32).

Nesta primeira etapa do conto pode-se ver claramente o que chamamos de embranquecimento cultural. Todos aqueles que rondavam a vida de Gigi estavam incomodados porque o menino persistia na sua cultura autóctone e por isso não podiam considerá-lo branco. A pressão psicológica feita pela metrópole desestruturava a identidade dos negros.

Com uma mente totalmente dominada pelo europeu, autoafirmar-se como negro era o último dos pensamentos daqueles que, na verdade, queriam ser vistos como brancos. Era impossível mudar a cor da pele, para isso, vestir-se, andar e falar como os brancos era a única forma de se embranquecer socialmente e culturalmente ou chegar perto de serem vistos como brancos.

Se para os negros já era difícil se autoafirmar como negro, os mulatos que tinham a pele mais clara, já que havia uma mistura do branco com o negro, chamá-los de negro soava como ofensa. Ninguém queria ser chamado pelo nome de alguém que é massacrado por uma sociedade que não quer nem pensar que esses seres, os negros, existem e coabitam o mesmo espaço.

O discurso daqueles que queriam ser vistos como brancos era forte. A menina Vitória era a professora da 3ª classe, onde Gigi viria a estudar. Ela é descrita no conto como “[...] uma mulatinha fresca e muito empoada, que tinha o curso na Metrópole. [...]” (SANTOS, 1981, p. 33). O fato dela já ter estado na Metrópole, com toda certeza, influenciou mais ainda na sua busca implacável em parecer-se com o branco europeu.

A menina Vitória “[...] renovava o pó-de-arroz nas faces sempre que tivesse um momento livre [...]” (SANTOS, 1981, p. 33). Um aliado para realizar seu desejo de parecer-se branca era o pó de arroz. A menina Vitória tinha vergonha da sua cor e por que isso acontecia?

[...] o negro instruído na escola do colonizador toma pouco a pouco conhecimento da inferioridade forjada pelo branco. Sua consciência entra em crise. Graças a uma série de mecanismos de pressão psicológica e outras astúcias, sua alienação deixa de ser teórica. Ele se convence de que o único remédio para curar sua inferioridade, a salvação, estaria na

assimilação dos valores culturais do branco superpotente. [...]. (MUNANGA, 1986, p. 6).

Ou seja, com a diáspora no processo colonial, muitos africanos levados para outros lugares e bem longe do que chamamos de suas tradições, passaram a assimilar a cultura da sociedade branca, fazendo com que tudo o que ele era e tudo o que ele tinha dos seus ancestrais fosse enterrado.

Não podemos afirmar que a menina Vitória vivia uma crise de identidade já que esta não se pergunta quem ela é. Ela apenas quer ser branca. Mas o que o movimento Negritude tem de tão importante para que pessoas, como a menina Vitória, possam ver quem realmente ela é, sem envergonhar-se disso?

Em primeiro lugar a Menina Vitória precisava reconquistar sua identidade. Rever sua cultura autóctone, saber valorizá-la. O homem branco europeu destruiu a identidade de muitos de seus colonizados, até porque quando ele foi para outros continentes, foi para civilizar e catequisar, tornando os colonos sem sua verdadeira identidade. É quase um lema “Destruir para construir”. Era necessário que os brancos fizessem o negro pensar que ele era inferior em todos os aspectos: físico, psicológico, cultural.

Portanto de que forma a menina Vitória iria querer ser vista como negra, se tudo que a rondava sobre negro era visto de forma negativa? Além disso, a menina Vitória não apenas se sentia branca, como também superior aos outros e desprezava os alunos que tinham características “negras”.

No conto temos o Matoso, que era aluno da menina Vitória e era referência para tudo que era de errado na turma. O chamavam de cafuzo pois tinha a pele mais “escura”. Ao recriminar os alunos, a menina Vitória usava adjetivos com desprezo em referência ao Matoso para repreender os alunos.

[...] a menina Vitória se referia a ele, quase sempre com desprezo, ao recriminar outro aluno. ‘Pareces o Matoso a falar...’, ‘Suja a bata como o Matoso...’, ‘Cheiras a Matoso...’ - e ele guardava-se cada vez mais à carteira, transido por aqueles comentários impiedosos. (SANTOS, 1981, p. 33)

Os danos psicológicos e sociais que o homem branco europeu causou a sociedade negra de todo o mundo, não apenas faziam com que os negros quisessem ser brancos, mas eles também passaram a ter reflexos racistas com os seus, imitando os passos do homem branco.

A menina Vitória sentia desprezo pelo Matoso e pelo Gigi também, porque na verdade ela não queria ser vista como negra e para se sentir superior, ela desprezava tudo o que era do negro. Ela desprezava sua cor, sua pele, sentia desprezo pelos dialetos africanos e a prosódia mal falada.

[...] a menina Vitória não escondera a sua má impressão, com alusões veladas à sua bata de brim grosso. Porém o seu azedume cresceu quando, tempos depois, o Matoso lhe respondeu distraidamente em quimbundo⁴. ‘O quê, julgas que eu sou da tua laia...!’ Daí por diante o seu nome era jogado pela aula com crueza, criando um símbolo maldito, que o Gigi mais tarde, atemorizado, reconheceu facilmente [...]. (SANTOS, 1981, p. 33)

No Brasil, por exemplo, temos o famoso “cabelo ruim”. Uma forma persistente de menosprezar o cabelo afro. Nos anos 20, Marcus Garvey que era jamaicano, foi o precursor do ativismo em seu país, os pilares do seu discurso era o rompimento com os padrões estéticos de beleza imposta aos negros, dando início ao movimento *Black Power* que revolucionou a forma de usar o cabelo, que deu lugar ao seu natural crespo, sem a obrigação de alisá-los.

Não alisar o cabelo era uma forma de resistência, como um modo de combater o preconceito. Além disso, anos mais tarde o movimento se estenderia aos Estados Unidos na década de 60 na efervescência da luta pelos direitos civis negado a população negra, o não acesso aos direitos civis foi uma das consequências de uma abolição sem emancipação seguida de segregação social.

O movimento não simbolizava uma revolução estética, mas sim de resistência ao racismo que matou milhares de negros. Bethencourt (2018, p. 470) diz que “estima-se que 4742 negros tenham sido linchados entre 1882 e 1968” nos EUA, fruto do ódio maciço aos afrodescendentes. É importante frisar que durante o período de luta pelos direitos civis, a Ku Klux Klan⁵ havia retornado à ativa, o que era uma ameaça a população negra.

O branco europeu tinha um fator determinante para o sucesso da sua meta de destruir a cultura africana: a ignorância histórica. Apesar da menina Vitória ter estado na Metrópole, as chances dela ter contato com as histórias dos tempos de glória da África foram mínimos, já que falar sobre o passado da África e os benefícios que eles trouxeram não eram transmitidos para os negros nos livros de história.

[...] A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se confrontam pela

⁴ Dialeto nativo de Angola.

⁵ “[...] grupos paramilitares [...], que exerciam intimidação violenta contra a população negra.” (BETHENCOURT, 2018, p. 467)

primeira vez, tudo isso mais as necessidades econômicas de exploração predisuseram o espírito do europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais.

Negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica. E, como o ser humano toma sempre o cuidado de justificar sua conduta, a condição social do negro no mundo moderno criará uma literatura descritiva dos seus pretendidos caracteres menores. O espírito de muitas gerações européias foi progressivamente alterado. A opinião ocidental cristalizara-se e admitia de antemão a verdade revelada negro = humanidade inferior. [...]. (MUNANGA, 1986, P. 9).

Um dos pilares do movimento de Negritude é a volta às origens, resgatar tudo aquilo que foi retirado do negro, principalmente a identidade. O negro e o mulato vão começar a se ver como negro e se autoafirmar como negro. A partir do momento que ele percebe que não é inferior e que a sua cultura também jamais foi inferior e que deve ser valorizada. Para isso, o negro não deve envergonhar-se das suas origens.

O filósofo alemão Hegel em suas lições de *Filosofia da História Universal* (1822 - 1831), afirmou que nem os povos da África nem os da América estavam aptos a realizar a Ideia da Razão, querendo dizer que estavam condenados a “vagar no espaço natural, a menos que, pelo contato com os europeus - tocados pelo Espírito - essas hordas primitivas tomassem consciência de si”. Porém, quando o negro percebeu que todas essas afirmações não passavam de mentiras para melhor dominá-lo ele começou a se conscientizar, logo começou a formar a sua identidade e resgatá-la de forma que conseguissem voltar às origens.

Voltar às origens é uma luta diária, é preciso tomar consciência de si mesmo. A menina Vitória foi vítima da colonização, vítima esta que não foi a primeira e nem a última. No dia a dia é possível enxergar que esses vestígios da colonização do homem branco, adoeceram a sociedade. Todavia, esses grandes movimentos dos negros: Pan-africanismo, Negritude, *Black Power*, libertaram muitas mentes alienadas e as têm feito lutar por seus direitos. Infelizmente o “racismo não se evaporou, mas deixou de ter o apoio da lei” (BETHENCOURT, 2018, p. 471).

O que esperáveis que acontecesse, quando tirastes a mordaça que tapava estas bôcas negras? Que vos entoariam louvores? Estas cabeças que nossos pais haviam dobrado pela fôrça até o chão, pensáveis, quando se reerguessem, que leríeis a adoração em seus olhos? Ei-los em pé, homens que nos olham e faço votos para que sintais como eu a comoção de ser vistos [...]. (SARTRE, 1968, p. 89).

O que os negros querem é serem vistos, vistos como seres humanos, que sentem, respiram, pensam. Agora muitas “bocas negras” estão livres da mordaca e estão na guerra de viver e vencer um dia após o outro.

“Nègre je suis, nègre je resteraï”
(CÉSAIRE, Aimé)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AIMÉ CÉSAIRE. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/aime-cesaire/>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

A VERDADE SEM PRISÃO. **NÃO ME CHAME DE NEGRO**. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u-LUmyzpJOY>>. Acesso em: 29 abr. 2018.

BETHENCOURT, Francisco. **Racismos: Das Cruzadas ao Século XX**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CHAVES, Rita. **Contos africanos de Língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 2009.

DIÁSPORA AFRICANA. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/diaspora-africana/>>. Acesso em: 25 jan. 2018.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.

LETHBRIDGE, Euridice Figueiredo. **Do negro à négritude: significação do teatro histórico de Aimé Césaire**. 1978. 96f. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 1978.

LE JOURNAL ET LE DOCUMENT – CONSCIENCE RACIALE ET RÉVOLUTION SOCIALE D’AIMÉ CÉSAIRE – QUI ONT LANCÉ LE MOUVEMENT DE LA NÉGRITUDE. Disponível em: <<http://letudiant-noir.webs.com/>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat. **O espírito das leis**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Paidéia).

MUNANGA, Kabengele. **NEGRITUDE: Usos e sentidos**. São Paulo: Editora Ática S. A., 1986.

OLIVEIRA, Thainá Aparecida Ramos de. **A imagem do negro nos contos Menina Vitória e Mãos dos Pretos**. Revista Athena, Mato Grosso. Volume 8, nº 1, páginas 1-20. 2015.

SANTOS, Arnaldo. **Kinaxixe e outras prosas**. São Paulo: Ática, 1981.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões sobre o racismo: II Orfeu Negro**. 5. ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1968.